

“EU SOU A PRIMEIRA DA MINHA FAMÍLIA A TER UM DIPLOMA” – A INTERIORIZAÇÃO DA UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA: UMA OPORTUNIDADE QUE PODE MUDAR VIDAS

André Heloy Avila

Graduação em Psicologia pela Universidade Federal de Santa Catarina, mestrado em Psicologia pela Universidade Federal do Espírito Santo e doutorado em Psicologia pela Universidade Federal de Santa Catarina

Eliana Santos

Graduanda em Letras - Língua Portuguesa e Literaturas de Língua Portuguesa pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB)

RESUMO: As transformações que o diploma e o conhecimento sistematizado podem ofertar aos graduandos (as) são imensuráveis. O esboço do perfil geral dos egressos e egressas do Campus XVIII objetivou observar alguns “efeitos” da formação superior, e ‘ouvir’ suas opiniões sobre a realização da graduação. Esta pesquisa lembra a importância do sistema público de educação, pois os relatos deixam claro que a formação superior contribui para as histórias e as vidas de egressos e suas famílias, e impacta as pessoas como quem trabalham estes ex-alunos e ex-alunas.

PALAVRAS-CHAVE: Educação pública;

UNEB/Campus XVIII; egressos, formação superior.

1 | INTRODUÇÃO

O subtítulo deste trabalho, o que o justifica e motiva, está também nas palavras de graduados/as que concluíram sua formação pelo *Campus XVIII* da Universidade do Estado da Bahia/UNEB (uma instituição comprometida com promoção do acesso à educação superior e com a formação dos quadros docentes deste vasto estado da Bahia). Destacamos estas palavras como a expressão de pessoas oriundas da escola pública que conquistaram o “diploma de uma faculdade pública e de qualidade” e tornaram-se a primeira geração de duas famílias a fazê-lo, a romper a exclusão social imposta não só pela condição econômica. Feito considerável, dados a dupla jornada, a pouca escolaridade de seus pais e mães e o acesso restrito que enfrentaram.

Neste *Campus*, nos últimos 22 anos, o alunado é majoritariamente

composto por pessoas que representam a primeira geração de duas famílias a chegar à Universidade; a grande maioria é oriunda da escola pública e de famílias de baixa renda; e, em sua maioria, são mulheres e pessoas que já trabalham, quando ingressam na graduação. As primeiras turmas do curso de Letras/Português, único curso até 2005, eram basicamente de profissionais que já atuavam na educação; cuja maioria tinha mais de 35 anos de idade e outros tantos de experiência docente. De lá para cá, o alunado ficou mais jovem e menos ingressantes já são docentes de carreira (Avila et. al., 2006; Avila, 2018), contudo, as características sociodemográficas e escolares se mantêm. Ou seja, quase todos estudantes vieram de escolas públicas e das classes trabalhadoras de baixa renda, cujos progenitores ou progenitoras passaram por pouca ou nenhuma educação formal e são, em sua maioria, mulheres.

Assim, as pessoas que acessam o *Campus XVIII* e o trabalho realizado com elas e para elas é que motivam a escrita deste texto, no qual, egressos serão tema, justificativa e parte dos objetivos, pois também pretendemos oferecer informações para o planejamento e realização de nossas atividades acadêmicas, de pesquisa e extensão. Claro, a própria *multicampia* é parte disso, da missão de fazer acessível a formação docente e tecnológica, levada a cabo pela interiorização da Universidade do Estado da Bahia, presente em 24 cidades, com 29 Departamentos instalados em 24 *campi*, e também pelo pioneirismo das políticas afirmativas de inclusão e de permanência de estudantes cujo perfil mencionamos.

Sendo assim, esta pesquisa foi desenvolvida com o objetivo de observar alguns efeitos/impactos da formação superior, para os ex-alunos de nosso *Campus*, buscamos saber o que têm a relatar sobre suas vidas profissional e socioeconômica, pós-diploma, bem como suas opiniões sobre a realização da graduação.

Produzidos com as vozes dos egressos e um instrumento focado, os dados demonstram a validade da interiorização da Universidade do Estado da Bahia, do pioneirismo e de nosso compromisso com a população do estado. Pois, a formação superior não só trouxe resultados econômicos, culturais e pessoais expressivos para 197 dos 198 participantes da pesquisa, os benefícios vividos por eles/elas são compartilhados com suas famílias e, através de seu trabalho e compromisso, estes reverberam na comunidade.

Enquanto docente, além de buscar atualização e materiais bibliográficos e didáticos, acredito que devo tentar observar algumas consequências, os efeitos ou resultados de nossas atividades de formação, saber algo sobre os egressos, acompanhar um pouco de suas carreiras, de suas considerações profissionais e opiniões sobre a formação. O que dialoga com a questão da interiorização da educação superior levada a cabo pela Universidade do Estado da Bahia e com o que realizamos em salas de aulas, em pesquisa, extensão, eventos. Sou um professor de sala de aulas, e é este chamado que compele a investigar alunado, egressos, a história do *Campus XVIII* e da região em que estamos instalados. Além disso, há uma identificação com este público, uma vez que também sou oriundo do sistema público de educação, do pré-primário ao doutoramento.

Enquanto graduanda, tal pesquisa é de suma importância para o meu crescer profissional e pessoal, oriunda de um sistema público, vejo e afirmo que ele é um espaço de oportunidades. Aproveito desta pesquisa para melhor conhecer a história do *Campus XVIII* e busco nos relatos dos egressos incentivo para concluir.

Assim, aqui, relatamos a pesquisa realizada junto a parcela significativa de formados no *Campus XVIII*, que atendeu ao pedido de responder um questionário digital, *online*.

2 | O CAMPUS XVIII DA UNEB

A Universidade do Estado da Bahia estabeleceu-se *multicampi* no dia 1º de junho de 1983, tomando para si a missão “da produção, difusão, socialização e aplicação do conhecimento nas diversas áreas do saber [...]” (UNEB, 2012, p. 02). Isto com o objetivo de promover “a formação integral do cidadão e o desenvolvimento das potencialidades econômicas, tecnológicas, sociais, culturais, artísticas e literárias da comunidade baiana, zelando assim por todos os princípios do Direito Público e Humano” (UNEB, 2012, p. 02).

O Departamento de Ciências Humanas e Tecnologia de Eunápolis – UNEB/*Campus XVIII* foi criado no ano de 2000, porém, a Universidade do Estado da Bahia iniciou atividades de ensino em Eunápolis, no ano de 1998, com o Núcleo de Ensino Superior de Eunápolis (NESE) vinculado ao *Campus X* – Teixeira de Freitas, que geriu a vida acadêmica e forneceu docentes para o que seria uma única turma do curso de licenciatura em Letras/Português, oferecido como “extensão” do *Campus X*, em salas emprestadas pelo CEFET/UNED.

Até o ano de 2005, o único curso regular oferecido foi o de licenciatura em Letras/Português, atualmente, o *Campus XVIII* oferece quatro cursos, dois de licenciatura – em História e em Letras/Português – e dois de bacharelado – em Administração e em Turismo. Além dos quais, ao longo dos anos, também trabalhamos com turmas de programas de formação de professores, tais como o da Secretaria de Educação da Bahia/UNEB; o Rede UNEB/2000; e alguns cursos da Plataforma Freire; e foram realizadas duas pós-graduações, dezenas de publicações, eventos, cursos e projetos de extensão e de pesquisa.

Até o segundo semestre de 2019, segundo informações geradas pela Secretaria Acadêmica, mil trezentas e vinte (1.320) pessoas concluíram seus estudos de graduação no *Campus XVIII* da Universidade do Estado da Bahia, em Eunápolis. Dentre estas, 403 cursaram Letras; 286, Pedagogia Rede/UNEB 2000; 167, História; 122, Turismo/Turismo e Hotelaria; 271, um dos cursos da PARFOR; 30, Administração; e 48, o Programa Sec./UNEB de formação de professores. Embora as atividades de ensino da UNEB, em Eunápolis, tenham começado como uma extensão do *Campus X*, e os primeiros diplomas tenham sido emitidos por este, consideramos os concluintes de todas as turmas atendidas pelo *Campus XVIII*, inclusive a que iniciou aulas em 1998.

3 | O PÚBLICO DISCENTE – UMA AMOSTRA REPRESENTATIVA 1998-2019

As primeiras turmas da Universidade do Estado da Bahia, em Eunápolis, contaram com uma grande presença, entre os discentes, de professoras e professores que já atuavam profissionalmente. Vale lembrar que, entre 1998 e 2005, o alunado da UNEB em Eunápolis já trabalhava (74%) e tinha mais de 25 anos de idade (76,55%), quando iniciou o curso; além do que, a grande maioria era o/a primeiro/a de duas famílias a chegar ao ensino superior (88%); oriundo/a da escola pública (79,6%); e membro das classes trabalhadoras (56,6%) (Avila et al, 2006). De lá para cá, as características gerais do alunado se mantêm as mesmas, em 2017, as exceções eram a diminuição da proporção daqueles que já exercem a docência (42,1%) e o fato que o alunado ficou mais jovem. Falta dizer que, apesar de parte significativa deste, trabalhar e estudar, a imensa maioria não atuava na área de formação ainda, e buscou a educação superior por acreditar que esta contribuirá para uma melhor inserção no mercado de trabalho e para outros benefícios em suas vidas (Avila, 2018).

Salientamos que as primeiras turmas realmente atenderam a uma demanda de décadas, no que se refere à formação dos quadros docentes das escolas da cidade e região. E, obviamente, os programas especiais de formação de professores deram sua contribuição neste sentido.

Em comum, desde as primeiras turmas e até hoje em dia, é que o público presente no XVIII vivencia muitas dificuldades para estar na Universidade, fazer as leituras antecipadamente, participar das aulas ou realizar atividades extraclasse (Avila et. al, 2006; Avila, 2018). Considerando estes percalços e que parte grande dos/as discentes não tem, necessariamente, interesse específico no curso em que ingressou (Avila et. al, 2006), vimos constatando nos últimos anos um aumento do número¹ daqueles que ingressam, porém, não concluem a faculdade (segundo informações da Secretaria Acadêmica do Campus).

4 | ALGUNS DADOS ESTATÍSTICOS

Esta pesquisa contou com a contribuição de 189 egressos, que responderam ao questionário aplicado *online* e possibilitaram traçar perfis e constituir uma amostra representativa.

A tarefa inicial de identificar todos os concluintes contou com a contribuição basilar de servidores/as da Secretaria Acadêmica e dos colegiados do Campus, que também forneceram muitos dos contatos dos egressos. Contamos também com a ajuda de alguns egressos e uma popular rede social virtual para reunir cerca de 800 endereços eletrônicos, sendo que para alguns também tinha um número de telefone móvel. O contato inicial, para informar dos objetivos da pesquisa e dos anonimato e sigilo relativos ao convite para

¹ Esta questão será discutida em trabalho que está em planejamento.

participar, se mostrou a parte com maiores dificuldades de realização e resultados, seja porque os egressos não fazem mais parte do cotidiano do *Campus XVIII* ou porque suas informações de contato estavam desatualizadas (muitos *e-mails* voltaram) ou porque o índice de participação em investigações *online* é sabidamente baixo (Gonçalves, 2008). Ou, ainda, uma parte talvez não tivesse acesso à tecnologia.

O questionário foi criado numa plataforma digital e esperava mantê-lo por três semanas, porém, ficou disponível por mais de dois meses, dado o lento aumento do volume de respostas. Foi preciso motivar, divulgando várias vezes, para incentivar a participação.

Em seguida, veio a tentativa ainda mais trabalhosa e longa, artesanal, a de procurar os nomes de egressos na tal rede social e se comunicar com eles através desta, buscando contornar a questão dos contatos desatualizados ou incompletos². Por fim, nos foi sugerido o uso do *WhatsApp*, “porque muita gente não usa mais *e-mail* ou não tá na frente do computador, toda hora”, realizei alguns poucos convites utilizando esta ferramenta. Uma vez encerrada a aplicação, todos os questionários foram lidos, na íntegra, pelo pesquisador, então, arquivados em três equipamentos de memória digital, que são mantidos sob senha e criptografia; os questionários não foram impressos e são indisponíveis, na rede mundial de computadores. Os resultados foram compilados a partir de 198 “relatos”, o que, do ponto de vista estrito da representatividade estatística, no caso da maior parte das questões de múltipla-escolha, nos permite um grau de confiabilidade e uma margem de erro muito favoráveis a interferências acerca do universo de egressos do *XVIII*. As questões dissertativas e a ‘leitura’ de grupos de respostas a uma questão, tendo em perspectiva respostas a outra questão ou outras questões do formulário *online* também ajudaram a compor este relato, bem como as duas pesquisas sobre o alunado (Avila, 2006 e 2018) e a anterior sobre os egressos (Avila, 2013).

Os resultados apresentados a seguir, em média, provêm de respostas de todos os/as participantes, mas as questões não eram obrigatórias, portanto, trazemos o número de respondentes para cada questão de múltipla escolha a que nos referirmos. Os quantitativos e as porcentagens foram gerados pela própria plataforma digital, cujos gráficos serviram de base aos nossos³. Como esperado, as questões dissertativas tiveram um índice menor de retorno, o que não impediu que as palavras dos egressos fornecessem cores, formas e perspectiva, ajudando a contextualizar as proporções estatísticas das “questões fechadas” do instrumento virtual.

Sem surpresa, grande parte da amostra cursou Letras (35,4%) ou um dos programas especiais de formação de professores (30,2%); observamos uma participação substancial

2 Esta segunda investigação com egressos deixa algumas sugestões para abordagem futura do público-alvo: manter, atualizar e ampliar a lista de contatos; divulgar o convite em todas as redes sociais virtuais; utilizar o *hardware* mais acessível e os aplicativos de mensagens mais populares da época; dado que a motivação é pessoal, poder contar com outros/as remetentes para o convite e para a divulgação, inclusive veículos de mídia locais. Ao que parece, o “toque” pessoal é um motivador, embora “menor” que o interesse do egresso em se expressar sobre o tema.

3 Nossos gráficos foram produzidos com a colaboração das discentes de Letras: Evelin Lourena Moura e Eliana Souza Santos.

de História (19,6%) e uma menor de Turismo e Tur. e Hotelaria (11,7%) e uma significativa menção à Administração (3,2%), o curso mais recente, à época, com apenas uma turma formada.

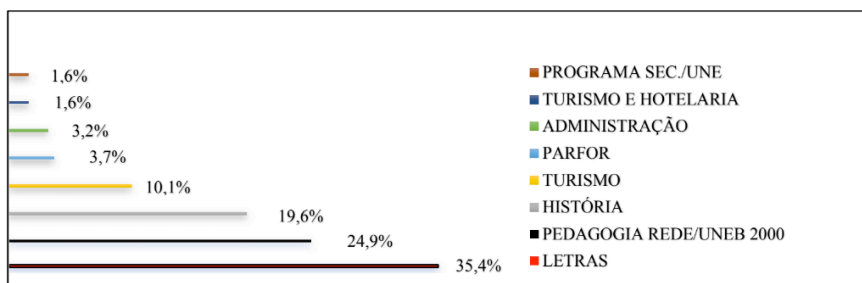


Gráfico 1 - Cursos concluídos no CAMPUS XVIII (n= 189).

FONTE: Elaboração própria (2019)

Tivemos respostas de quem concluiu desde 2001 e uma distribuição um pouco mais concentrada de concluintes entre 2016 e 2017. Aspecto que contextualiza o fato de mais de um terço ter menos de 33 anos (33,7%) e dialoga com as duas décadas de existência do *Campus* e mudanças etárias do perfil do alunado; pois, nota-se uma distribuição equilibrada da amostra dos grupos entre 24 e 53 anos e uma menor concentração de maiores de 60 anos (2,1%).

Em relação ao gênero, as respostas apontam que a amostra era composta por 76,1% de mulheres.

Quanto à cidade de residência (n= 186), a grande maioria mora em Eunápolis (68,3%); 11,2%, em Porto Seguro; 2,7%, em Itabela; 1,1%, em Itagimirim. No total, foram mencionadas 25 cidades, 6 estados, além da Bahia, e uma localidade na Itália.

No que se refere à declaração de “raça ou cor”, segundo padrão IBGE, obtivemos 188 respostas, sendo que 51,6% marcaram a alternativa parda; 29,3%, a preta; 14,4%, branca; 3,7% marcaram “sem resposta”; e apenas uma pessoa se declarou amarela e, outra, indígena.

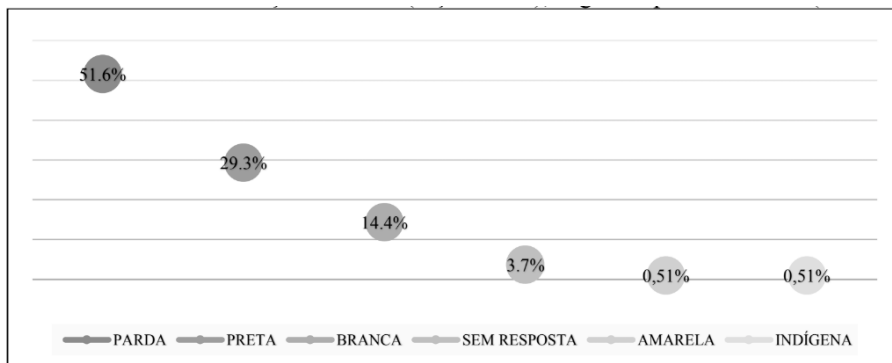


Gráfico 2 – Declaração da etnia (raça ou cor), segundo padrão IBGE. (n= 188)

FONTE: Elaboração própria (2019)

Quanto à escolaridade atual (n= 188), 47,3% declarou que já concluiu ao menos uma especialização; 6,4%, o mestrado; e, um/a participante concluiu o doutorado. Além do que, 1,6% está cursando doutorado; 7,4%, o mestrado; e 10,6% estão se especializando; ou seja cerca de $\frac{3}{4}$ da amostra (73,9%) continuou sua formação acadêmica, o que não quer dizer que os demais não tenham dado curso a seus estudos, em outras formas.

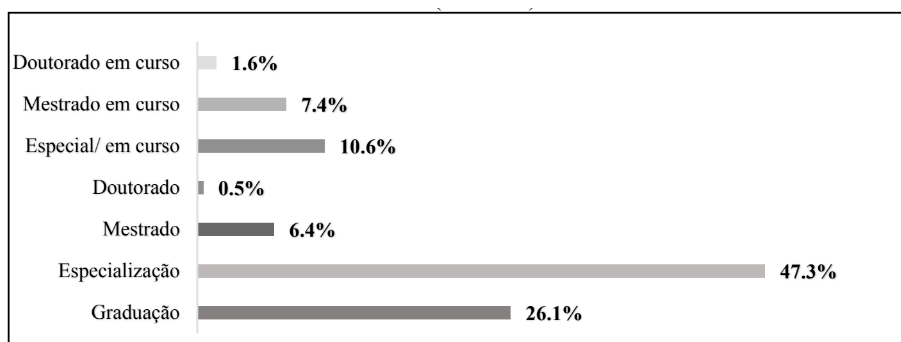


Gráfico 3 – Escolaridade atual. (n= 188)

FONTE: Elaboração própria (2019).

Quanto ao quesito renda (n= 134), de modo geral, observamos que 30,6% está vivendo com até 2 salários-mínimos; 25,3%, com até 4 salários; 25,8%, com até 6 salários; 6,5%, até 9; e 3,8%, com 10 ou mais. Sendo que 8,1% declarou não ter renda no momento.

Vejamos no gráfico a seguir:

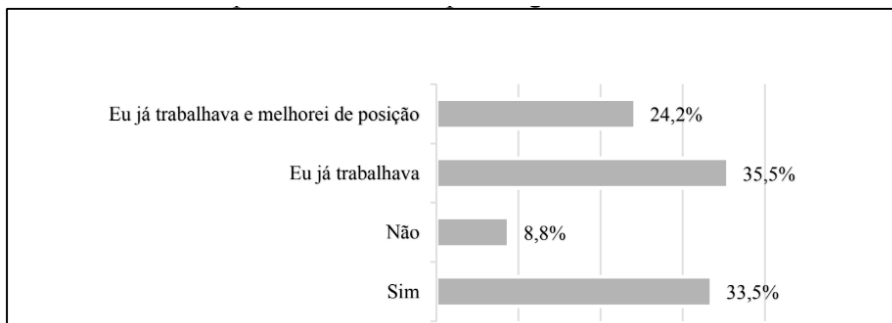


Gráfico 4 – O diploma contribuiu para ingressar no mercado de trabalho. (n=182)

FONTE: Elaboração própria (2019).

Estas são informações diferentes daquelas da pesquisa anterior, quando uma parte bem menor da amostra tinha renda mensal de até 02 salários-mínimos (7%) e, a grande maioria, superior a 04 salários-mínimos (Avila, 2013). Contudo, em 2019, observamos que a graduação e obtenção do diploma produziram um aumento de renda para 77,4% dos participantes (n= 168). Conquanto ainda tenhamos de tratar estes resultados em relação às respostas a outras questões, é um dado bastante positivo e motivador. Ainda mais se consideramos a porcentagem aproximada deste aumento, que, para cerca de 1/3 (31,3%) dos/as 134 egressos/as que responderam, foi de até 20%; de até 40%, para outros cerca de 1/3 (28,4%); e pouco menos de 1/3 teria ao menos dobrado seus ganhos – destes, 13,4% obteve um aumento de até 60%; 7,5%, de até 80%; 3,7%, de até 100%; e 11,5% teriam passado dos 100%.

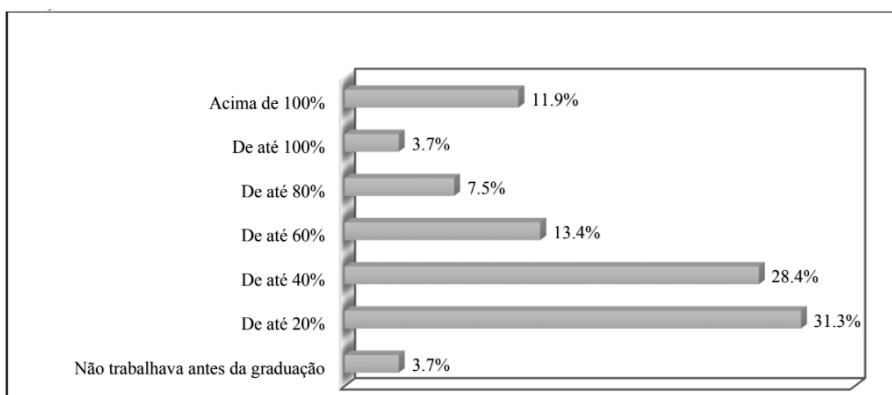


Gráfico 5 – Proporção do aumento de renda após conclusão da graduação (n= 168).

FONTE: Elaboração própria (2019).

Some-se que a grande maioria dos egressos/as (57,7%) afirmou que realizar a

graduação produziu efeitos positivos em sua vida laboral, sejam estes relacionados ao ingresso no mercado de trabalho (33,5%) ou à conquista de melhores condições de trabalho ou de remuneração (24,2%).

Porém, vale lembrar que 3,7% referiram não trabalhar antes de concluir a graduação e que a grande maioria dos egressos já trabalhava durante a realização da graduação (88,4%). Situação em que “a conciliação com o trabalho não permitia que eu vivesse o ambiente e as experiências oferecidos pela Universidade, no entanto, vejo as dificuldades como importantes ferramentas de formação”. Esta foi a realidade de muitos egressos e vem sendo a realidade de muitos graduandos, a luta constante para obter uma formação de qualidade, se sustentar ou ajudar a família.

Das 187 pessoas que responderam se estão trabalhando: 87,2% está em atividade profissional; 3,2% se aposentaram; e 9,6% responderam não estar trabalhando no momento.

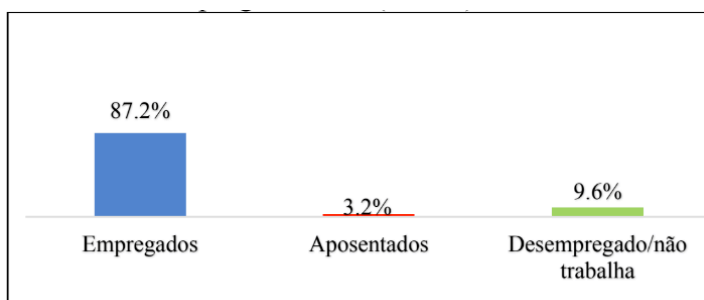


Gráfico 6 – Empregabilidade (n=187)

FONTE: Elaboração própria (2019).

Esta produção de resultados fez possível notar que a maior parte dos egressos trabalha no setor público (65%, n= 180), em seguida, vêm os que estão em empresas privadas (18,9%); os que não estão trabalhando (8,3%) ou aposentaram (3,4%); além do que, em menores proporções há os que atuam em dois trabalhos ou começaram seu próprio negócio, na área de formação – inclusive, há quem tenha um emprego e um empreendimento.

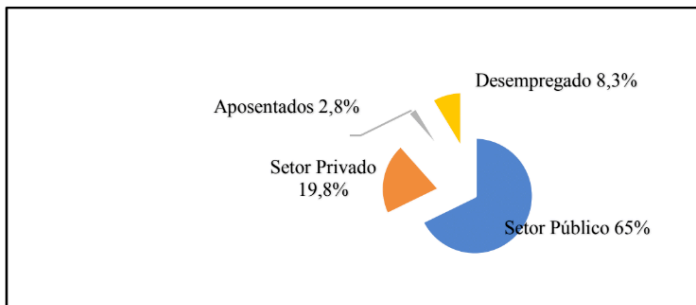


Gráfico 7 – Tipo de instituição/empresa em que trabalha. (n=180)

FONTE: Elaboração própria (2019).

Quanto ao tempo para ingresso no mercado de trabalho, observamos que 56,7% já estavam na carreira profissional, durante a graduação (característica em especial das primeiras turmas formadas no XVIII ou pelos programas de formação docente); e, com satisfação, notamos que 18,9% conseguiram ingressar no mercado de trabalho, em até seis meses, após a conclusão de seu curso, e, 9,4%, em até um ano. Outros 7,2% demoraram até 2 anos e 7,8% não está trabalhando (sendo que 1,2% destes, por opção).

De toda forma, tais informações confirmam que a missão unebiana de interiorização e promoção do acesso à educação superior, um direito cidadão, concretiza transformações na vida da população que, não fosse a “multi-presença” da UNEB, não teriam as mesmas chances de acontecer. E não foram só a empregabilidade e a renda a serem impactadas positivamente. Perguntados/as sobre efeitos da conclusão do curso para a atividade laboral (n= 108), 79,6% afirmaram terem conseguido melhores condições de trabalho, enquanto apenas 15,7% disseram que não houve mudança neste sentido.

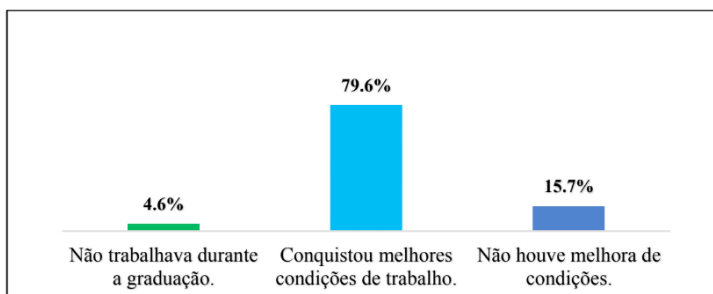


Gráfico 8 – Houve melhora das condições de trabalho. (n=108)

FONTE: Elaboração própria (2019).

Quanto à ocupação atual, embora tenhamos menos respostas (n= 106) e uma variedade de ocupações/cargos citados, é muito positivo observar que 59,4% trabalham

em sua área de formação e 16% trabalha em área afim a ela; sendo que 15,1% trabalham em outra área profissional; além do que, temos aposentados/as; quem ainda não trabalha; quem está realizando pós-graduação.

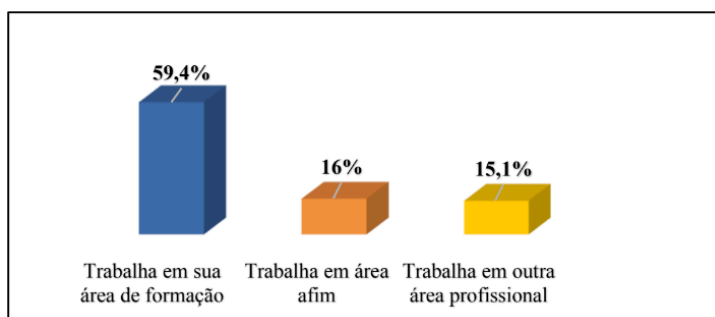


Gráfico 9 – Ocupação atual e área de formação. (n=106)

FONTE: Elaboração própria (2019).

Constatamos que os dados estatísticos dos egressos e egressas retratam, em sua imensa maioria, efeitos e consequências bastante positivos da formação, o que nos leva a inferir sobre a boa qualidade da formação oferecida e também sobre a perseverança e compromisso dos egressos.

5 | SOBRE O CAMPUS XVIII

Para quem “pega o diploma”, os “efeitos (podem ser) surpreendentes” em muitos aspectos. Em especial, para quem vem “de família humilde [...], mas sempre teve incentivo para estudar” (ou mesmo na ausência deste), para passar pelas “resistências, pelos muitos ‘nãos’” e “persistir até o fim”, “até se formar”, feitos que trouxeram mais que “ganhos econômicos” ou “melhorias de condições profissionais”. A formação inclusive favoreceu a formação continuada que, juntas, contribuíram para a “ampliação do horizonte de expectativas”; se desdobraram “em escalas pessoais e coletivas”, seja na medida em que possibilitou um “melhor desempenho” no “fazer docente” ou de turismólogo/a ou de administrador/a, seja porque se reflete “no jeito como (alguns) lido(am) com as coisas, agora”. Sendo muito positivo constatar que a maior parte dos egressos deu continuidade à sua formação (73,8%) e que a formação contribuiu também com o desenvolvimento pessoal.

Solicitamos que os respondentes usassem suas palavras para mencionar os efeitos/impactos da graduação em suas vidas. Assim, além de “ganhos econômicos” e “melhora de condições de trabalho”, ficamos sabendo que houve “auto estima melhor”; “autoconhecimento maior” e; “mudança de mentalidade”, a partir de “novas experiências”

e “conhecimentos”, facilitados por diálogos e estudos, que por sua vez propiciaram “abrir a mente para o novo”. Movimento colocado em ação pelos estudos e que “permitiu também aprender a aprender e a [...] ter novos sonhos. Renovar.”

A faculdade também teria contribuído para os relacionamentos interpessoais e contatos profissionais. “A graduação foi uma arma poderosa. Através dela, tornei-me uma pessoa mais crítica, com maior oportunidades de emprego e de melhora na minha qualidade de vida”. Pois também “trouxe segurança, respeito e realização pessoal”. Ou seja, em respostas abertas ou de múltipla escolha, quase a totalidade dos egressos e egressas relataram terem conquistado benefícios e proveitos para suas próprias vidas e para as de seus familiares; e parte considerável também fez questão de lembrar que a formação levou a um aperfeiçoamento, a uma melhora, de seu desempenho profissional. Neste sentido, embora seja uma impressão *naif*, posso acrescentar que vários/as discentes com quem trabalhei, nos últimos 10 anos, mencionaram a importância de um professor ou professora, formado (a) no *XVIII*, para que tenham entrado na Universidade.

Na leitura do conjunto das respostas dissertativas, foi possível identificar que os egressos reconhecem os docentes presentes na sua formação; os quais, foram majoritariamente considerados de forma positiva, contudo, houve quem sugerisse a necessidade de melhoras no desempenho docente. Vejamos algumas respostas: “a graduação foi excelente, tive professores maravilhosos, que me inspiraram, porém, também tive um número considerável de professores que me ensinaram a como jamais devo ser”. Ou, “tive professores capacitados e comprometidos com a educação, que me ajudaram no meu crescimento profissional”.

O *Campus XVIII* é um espaço de aprendizagens que extrapolam as salas de aulas e conteúdos curriculares: “na educação pública vê-se/convive-se/sobrevive-se a muitos problemas na estrutura física”. “Contudo, a *UNEB Campus XVIII*, mesmo com todos os percalços (infelizmente, comuns aos espaços públicos) é uma instituição de respeito” que respalda o exercício profissional e “valoriza o diploma”.

Segundo participantes da pesquisa, o *Campus XVIII*: “não apenas formou pedagogos, mas pessoas capazes de compreender e colaborar para a melhoria da qualidade da educação”. Reconhecimento, elogios e agradecimentos vieram acompanhados de sugestões, como a importância de “trabalhar mais a cultura local” e de realizar “pesquisas em campo para conhecer a realidade eunapolitana (escolas, comunidades)”. Na mesma direção, os bacharéis reconhecem a qualidade geral da formação realizada, elogiam a maior parte do quadro docente e estão satisfeitos com sua situação atual. E, dada sua experiência profissional, também sugerem maior “conhecimento da realidade do trabalho”, “mais entrosamento entre a Universidade e setores produtivos, seja para realização de estágio, sejam outras formas de parceria com empresas e instituições”.

Em relação à instituição, alguns avaliaram que deveria haver “mais agilidade e menos retardos na realização das coisas. Mais compromisso e humanidade dos profissionais”,

contudo, mais frequente foram as observações sobre a infraestrutura, pois foram “muitas dificuldades para estudar, sofremos sem biblioteca adequada, prédio... mas foi muito importante para minha vida”. Parte das questões mencionadas pelos egressos e egressas já foram solucionadas. Atualmente, o *Campus XVIII* dispõe de biblioteca, auditório, salas de aulas, laboratórios, sala de informática etc.

Foram sugeridas também a realização de atividades “culturais que envolvam a comunidade [...], transformar o campus em um espaço para vivências, em que a comunidade se aproprie deste lugar, de modo simbólico e material”, pois também é preciso “fazer a UNEB mais conhecida” e isto ajudaria o preparo dos “discentes para a realidade do mercado de trabalho, seja teoricamente ou na prática”.

Em relação especificamente à área da educação, buscamos saber se os participantes da pesquisa identificavam alguma influência do *Campus XVIII*, nas escolas em que trabalham, com uma questão aberta, não obrigatória, à qual apenas 48 egressos responderam. Um disse que não identifica influência do *XVIII*, as 47 outras respostas permitiram inferir um panorama geral, em que se destaca que o simples aumento proporcional de graduados, nos quadros docentes, já foi positivo. Vários comentários apontam que a formação no *XVIII* resulta em mais e melhor aprendizagem, nas escolas, por seus alunos e alunas. Em destaque, aqueles/as que já atuavam como docentes e os/as que participaram dos programas especiais de formação docente, pois identificaram “que a escola alcançou o melhor IDEB dos últimos anos”; e que “embasamento teórico (levou) à consequente mudança de postura frente aos problemas identificados na escola”, por “profissionais mais encorajados”. Assim, podemos supor, a UNEB vem contribuindo para o aprendizado realizado nas escolas. Nesta direção, observamos também que vários cargos além do de professor são ocupados, nos sistemas de educação pública, por egressos.

6 I CONSIDERAÇÕES E PERSPECTIVAS

Após observar os efeitos/impactos da formação superior, para os egressos e egressas do *Campus XVIII*, é possível confirmar que a Universidade do Estado da Bahia - Departamento de Eunápolis vem cumprindo sua missão de promover o acesso à educação superior para a população do estado da Bahia. A formação superior proporciona inúmeros resultados positivos, seja na vida profissional, pessoal, cultural ou econômica. Proporciona benefícios vividos e compartilhados com suas famílias e comunidade.

Como já mencionado, esta pesquisa e os 198 participantes possibilitaram não somente traçar perfis, reconhecer nosso potencial e o que podemos melhorar; tratamos aqui também de expectativas e perspectivas levadas às pessoas que acessam o *Campus XVIII* e que veem, aí, um espaço para seus planos profissionais e de vida.

Para concluir, repetimos as palavras de quem quis registrar que: “a educação é um instrumento de transformação social, de inserção. A formação oferecida por essa

universidade vem mudando a realidade da nossa região, influenciando mudanças e causando rupturas, quebrando o muro que distanciava a comunidade local da academia, que mantinha o aluno de escola pública distante da universidade etc. Ainda nos falta muito, mas o avanço e os resultados são positivos.”

Vale lembrar que 73,9% dos participantes deu continuidade a seus estudos e que, apesar de apenas um (a) doutor ter respondido ao questionário *online*, seu número total é maior que este, assim como o de mestres e mestradas. Além do que, pós-graduados ou não, vários (as) ocupam cargos elevados em instituições públicas e privadas, estão à frente de secretarias, de escolas, de setores públicos ou de empresas privadas. Os resultados desta investigação e as palavras dos participantes se juntam e sugerem que, agora, o *Campus XVIII* muito contribuiria com suas carreiras seja criando ou fortalecendo laços com empresas, escolas, a comunidade, seja promovendo pesquisa e extensão ou oferecendo outros cursos de graduação e de pós-graduação.

Devemos ouvir e divulgar tais palavras, reconhecer este compromisso de mão dupla, da UNEB, seus docentes e servidores, com as pessoas, e de nossos alunos e egressos com a UNEB, pois os agradecimentos, críticas e sugestões feitas ao nosso trabalho, também se fizeram acompanhar por observações dos impactos mais amplos deste trabalho, nas comunidades, e pelo entendimento que o *Campus XVIII* ainda pode lhes oferecer, em termos de formação profissional e para o desenvolvimento sociocultural da região.

Agradecemos a todos servidores, discentes e professores que fazem este trabalho de educação superior, ensino, pesquisa e extensão de qualidade, em especial, aqui, agradecemos às pessoas que investiram seu tempo nos ajudando com esta pesquisa e seus resultados.

REFERÊNCIAS

AVILA, André Heloy. **Perfil do alunado do *Campus XVIII* da UNEB (2016)**. In: SILVA, G. J. (Org.) ; SOARES, L. (Org.) ; MASCARENHAS, V. (Org.) ; SANTOS, J. C. (Org.). (Org.). Estudos Culturais: diálogos entre cultura e educação. 1ª. ed. Jundiaí: Paco, 2018, v. , p. 314-320.

AVILA, André Heloy. A Interiorização da Universidade do Estado da Bahia: um primeiro perfil dos egressos e egressas do *Campus XVIII*. **Relatório de pesquisa – CSA/CPA-NUPE-UNEB *Campus XVIII***, 2014.

AVILA, André Heloy et al. V. Investigação de reconhecimento do Alunado do *Campus XVIII* da Universidade do Estado da Bahia. In: *V Taller Internacional de Pedagogía de la Educación Superior*. **Cd-ROM “Memorias”** Universidad 2006. Havana, 2006.

GONCALVES, Daniel Infante Ferreira. Pesquisas de marketing pela internet: as percepções sob a ótica dos entrevistados. **RAM, Rev. Adm. Mackenzie (Online)**, São Paulo, v. 9, n. 7, p. 70-88, Dec. 2008. Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S167869712008000700004&lng=en&nrm=iso>. access on 10 Aug. 2020

UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA. **Estatuto da Universidade do Estado da Bahia – UNEB.** Aprovado pela Resolução CONSU nº. 863/2011 (D.O.E. 19/20-11-2011), homologada pelo Decreto nº 13.664, de 07-02-2012 (D.O.E. 08-02-2012). Salvador/Ba, 2012. Disponível em: <https://portal.uneb.br/wp-content/uploads/2018/09/Estatuto-UNEB-2012.pdf> Acesso em: 05 de fev. de 2021.